

Martim de Gouveia
e Sousa

O essencial sobre
ANTÓNIO DE NAVARRO

IMPRESA NACIONAL-CASA DA MOEDA

Amo para que me sejam o essencial
os pensamentos onde vou.

Águia Doída.

António de Navarro — de seu nome completo António de Albuquerque Labatt Sotto-Mayor Pereira Navarro de Andrade — nasceu em 9 de Novembro de 1902, no solar materno de Vilar Seco («Bom era o buxo, / D’antigamente, nos jardins do solar onde nasci.»), perto de Nelas, no distrito de Viseu, quando, segundo o escritor, dava meio-dia (o assento de baptismo precisa: «uma hora da tarde») e retinha para a missa. Foi neto paterno de Joaquim Navarro Pereira de Andrade, natural do Fundão, e de D. Maria Josefina Marques de Paiva Navarro, natural da Covilhã, e neto materno de António de Albuquerque e Brito da Silveira Labatt e de D. Maria Delfina Godinho de Sampaio e Mello, filho legítimo do Dr. Francisco Navarro Marques de Paiva, natural da Covilhã, e de D. Maria Beatriz de Albuquerque Forjaz

de Lacerda Sotto-Mayor, natural da freguesia de Vilar Seco.

Veio a ser baptizado, conforme o assento n.º 7 de 1903 do respectivo livro paroquial, no dia 25 de Março desse ano, tendo sido padrinhos o conselheiro Doutor José da Cunha Navarro de Paiva, juiz do Supremo Conselho de Justiça Militar, e a avó, D. Maria Josephina Marques de Paiva Navarro, ambos residentes em Lisboa, estando presentes, por procuração do primeiro, Álvaro de Albuquerque de Sampaio Mello e Faro, e representando o segundo a senhora D. Maria Guilhermina Navarro de Paiva, ambos habitando na freguesia de Vilar Seco.

Navarro, ultrapassados os estudos primários na sua circunstância, fez estudos liceais em Viseu, havendo memórias dessa passagem inscritas na documentação epocal da instituição: por exemplo, do exame de admissão à segunda classe, efectuado em 1914, com a classificação final de 11 valores e uns indiciosos 13 e 17 valores em «Ditado em português» e na prova oral de Português, bem como bons conseguimentos, nos anos posteriores, em Latim, Geografia e História ou Inglês, destacando-se ainda, pela negativa, alguma inaptidão nas disciplinas de ciên-

cias, nomeadamente em «Ciências físicas e naturais». Permaneceu estudante do Liceu de Viseu até 1918-1919, indicando o registo n.º 31 um conjunto substancial de faltas injustificadas e a oposição, nas «Observações», de ter sido transferido para Castelo Branco.

Em Coimbra, onde, segundo Álvaro Manuel Machado, concluiu os estudos liceais, veio a cursar Direito, durante quatro anos, lá se iniciando nas lides literárias. Licenciou-se, mais tarde, em Ciências Ultramarinas, já em Lisboa, na Escola Superior Colonial, que originou, em 1954, o Instituto Superior de Estudos Ultramarinos, que veio a integrar-se, em 1961, na Universidade Técnica de Lisboa, sob a denominação de Instituto Superior de Ciências Sociais e Política Ultramarina, sendo hoje o Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas (ISCSP).

Em Coimbra ainda, por meados da década de 20, manifestou desde logo a tal adesão ao «receituário futurista» de que fala Fernando Guerreiro e que tão evidente é também na primeira *Presença*, onde perpassa mesmo, pela atomização verbal e pela condensação métrica, um halo expressionista.

Começou a publicar, pelo menos de forma visível, na revista *Contemporânea*, por 1926, tornando-se, a partir de 1927, um dos principais colaboradores da revista *Presença*.

Sem obra ainda publicada individualmente, facto que era pouco menos do que espantoso (sabe-se, no entanto, que procurou publicar por volta de 1929, com a chancela da *Presença*, conforme carta de José Régio a Gaspar Simões, de Vila do Conde, 21 de Setembro de 1929: «Diz-me ainda o Navarro que tenciona publicar agora um livro de versos. Pede-me um prefácio e a marca das edições Presença para o seu livro. É claro que lhe vou dizer que sim.»), contraiu matrimónio, no dia 13 de Junho de 1939, com a senhora D. Maria Eufémia Reis Ferreira. Tragicamente, Navarro enviúva, por falecimento da mulher, no dia 24 de Maio de 1940, na freguesia de S. Sebastião da Pedreira, de Lisboa.

O primeiro livro publicado, *Poemas de África*, vem a lume em 1941, com prefácio de João Gaspar Simões e uma lancinante e sentida dedicatória à memória da esposa recentemente falecida, continuando o autor a publicar até ao ano de 1980, se bem que sob o signo da descontinuidade.

Voltou a contrair casamento, no dia 6 de Agosto de 1958, com a senhora Engenheira Maria Amélia Gracinda Rodrigues, desenrolando-se a cerimónia na Igreja de Santa Isabel, em Lisboa. Este casamento veio a ser dissolvido, por óbito da mulher, falecida no dia 5 de Fevereiro de 1980, lembrando eu neste passo que, segundo informa António Manuel Couto Viana (1994), a senhora D. Maria Amélia sempre pusera muito empenho na decifração e na conservação da obra do marido, mal sonhando que morreria antes do poeta e o deixava desvalido.

António de Navarro pouco mais resiste, abandonando a tona viva do mundo, no dia 20 de Maio de 1980, declarando-se o óbito na freguesia de Santo Condestável, em Lisboa, desaparecendo assim, como o diz Gaspar Simões, o poeta que no movimento lírico presencista «detinha os fios de um revolucionarismo poético tanto ou mais revolucionário que os fios que estreteciam a trama poética dos poetas revolucionários ‘órphicos’».

Olhando o trajecto, seminalmente inscrito, diga-se que bastaria o facto de António de Navarro ter sido um dos mais produtivos escritores da *Presença* para que se adiantasse uma mais funda escavação, que

à frente segue, irradiando em rosácea. Acresce ainda que entre Navarro e Régio, não obstante uma «vida vivida» com encontros e desencontros, sobreviveu sempre, de forma recíproca, uma ternura que ninguém denega — como esquecer, por exemplo, a preocupação de Régio com as provas da poesia «do Navarro» (carta a João Gaspar Simões de Vila do Conde, 16 de Agosto de 1929) ou a intervenção de Régio junto de Eugénio Lisboa para que o nome de Navarro aparecesse numa listagem de poetas presencistas, sem a obnubilação de um aberto etc., na obra-biografia *José Régio*, inserida na colecção «Poetas de Ontem e de Hoje», dirigida por Gaspar Simões e publicada pela portuense Livraria Tavares Martins, em 1957.

*

Descendente de antigas e nobres vergôntes, e nem menos orgulhoso disso, há em António de Navarro, esse «moço-fidalgo beirão» (Gaspar Simões), um «complexo da transmissão» que se cumpre pela evasão no espaço e no tempo, bem como pela submissão ao dever da migração e da partida.

Como os camaradas da *Presença*, iniciou a acção cultural e literária pelo fim do primeiro quartel do século xx, destacando-se mesmo da sua tribo pela capacidade de colher a novidade do momento. Ainda em 1922, encontramos o poeta subscrevendo em 11 de Julho, com o nome completo António de Albuquerque Labatt de Sotto-Mayor Pereira Navarro de Andrade, uma mensagem ao Dr. António de Sousa Sardinha, «digníssimo director da revista *Nação Portuguesa*», que expressava a anuência de um conjunto de jovens estudantes coimbrãos aos ideais do Integralismo Lusitano. Pouco depois, por 1925, e sob o pseudónimo Príncipe de Judá, ficariam célebres as actuações desalinhas, seja assinando manifestos de um futurismo em dessoramento, seja como conferente sensacional — a conferência «Sol» provocou uma algazarra enorme no Teatro de Sousa Bastos, em Coimbra, e o poeta foi literalmente pateado. Deste período, é inesquecível o texto assacável a António de Navarro dentro de um *manifesto* coimbrão onde se encontra já uma espécie de «linguagem sms». Nele colaboraram também Mário Coutinho, Abel Almada, Celestino Gomes, desejando o nosso poeta olhar «kom *toda-a-força* kom os

nossos olhos e sentir kom a nossa alma». Pelo caminho ficaria ainda a ideia da publicação de uma revista de «arte moderna» intitulada *Sol*. O Poeta reconhecerá, em 1930, que o seu texto, «um *manifesto* destrutivo onde havia certas verdades que nunca é de mais recordar», visava fazer a «apologia da sinceridade» e do individualismo.

João Gaspar Simões, em *José Régio e a História do Movimento da «Presença»*, lega-nos um interessante retrato do poeta, por meados da década de 20, salientando o porte moderno mas alinhado de um ser que então «entalava o pescoço em altos colarinhos de goma a condizer com as camisas, igualmente engomadas». A configuração plástica de Navarro é corroborada mais tarde por António Manuel Couto Viana, quando, em *Colegial de Letras e Lembranças* (1994, 60), refere: «Navarro tinha uma cabeça expressiva, de traços bem definidos e ousados, nobreza e inteligência belamente combinadas, tornando-o excelente modelo de escultores e desenhistas.» E, de facto, são conhecidas algumas obras plásticas em que Navarro é representado: um retrato do pintor João Hogan, datado de 1957 e integrando o livro *Poema do Mar*, do mes-

mo ano; um busto da autoria do escultor António Duarte (fotografado na capa posterior de *Águia Doída. Poemas d'África*); um desenho do escultor Martins Correa, ínsito em *Guitarras em Madeira d'Asa*; e um retrato do já mencionado escultor António Duarte, integrado em *O Acordar do Bronze*.

Em 1926, António de Navarro colabora, com os poemas «Cantar d'amigo» e «Duende», na revista *Contemporânea*, esse sonho encantado de José Pacheco feito «expressamente para gente civilizada». Anunciando-se por lá o tom estranhizante e atractivo, é de lembrar a significativa coincidência titular do segundo poema com o título de António Franco Alexandre.

Ultrapassada a irreverência do «tremendo escândalo no meio coimbrão», como o refere Edmundo de Bettencourt, a vinda a lume do primeiro número da *Presença* corrobora a ousadia do poeta. Independente das formadoras *Bysâncio* e *Tríptico*, Navarro, ao invés de outros, pôde manter desde sempre uma assinalável autonomia e uma indomável sede de intervenção, não obstante estar a viver já em Lisboa.

E, de facto, o poema «O braço do arlequim» convida novo escândalo, ficando a ecoar no cérebro dos

leitores aquele membro «de todos nós / com sangue de toda a gente». Datado da Casa do Paço das Donas com o ano de 1926, este poema navarriano, saído na primeira *Presença* de 10 de Março de 1927, exemplifica a inquietação «orpheica» que dominará toda a obra do poeta construída ao longo de mais de meio século, sem se perder nunca a avaliação-diagnóstica que Edmundo de Bettencourt dele faz, na entrevista a João Brito Câmara em *O Modernismo em Portugal*, inscrevendo-o nos poetas de personalidade «complexa e inquieta».

Para além do primeiro e escandaloso poema, com aquele final à Mário de Sá-Carneiro («E no arraial palhaço / lá vai o braço... / lá vai o tal braço / de todos nós / com sangue de toda a gente.»), todo o conjunto publicado na *Presença* é mais do que admirável. «Canção», «O vira (baixo-relevo)», «Cantar d'amigo», «Bacanal», «Charleston» e «Ode» saem em revistas de 1927, todos somando, com o primeiro, sete poemas; em 1928, vêm à tona viva das letras «Glaucá», «Crânio», «Ópio», «Os medro-nheiros» e «Dancing ambiente», num total de cinco poemas; de 1929 são «Thamar», «Deus», «Bordel», «Acrobatas» e «Canção», perfazendo outros cinco

poemas; em 1930, publicam-se «Poema das aves» e «O segredo das linhas», para além de um interessantíssimo texto de opinião de título «A propósito do I Salão dos Independentes», assim se acrescentando mais dois poemas; em 1931, aparecem o «Poema da matéria sonâmbula» e o «Estudo para um ensaio: Ângelo de Lima», que inclui um poema, num total de dois; no ano seguinte, surgem mais dois poemas, intitulados «Incêndio» e «Epitáfio (para o túmulo do poeta)»; em 1935, vêm a lume «Balada com lua morta» e cinco composições em «Poemas», totalizando-se seis; e, em 1938, são publicados «Poema» e um outro «Poema», deste modo se chegando a um total de trinta e um poemas, quase totalmente inéditos em livro.

Revela ainda António de Navarro uma deontologia poética assinalável, vigilante que estava face à sua poesia, como o esclarece uma carta de José Régio, de Janeiro de 1929, sem data, dirigida a João Gaspar Simões e por este publicada na obra atrás referida, na qual o poeta de Vila do Conde alude à preocupação navarriana com a hipotética inferioridade dos textos, que, a verificar-se, seriam assinados sob pseudónimo, frisando eu aqui esta nota do